

Cantando e dançando Damão em Inglaterra: a memória como mediadora na construção de lugares de diáspora

Ana Cristina de Oliveira Almeida

Universidade de Aveiro/INET-MD
analmeida1982@gmail.com

Abstract

This article aims to reflect upon the way the damanese communities settled in Leicester and Peterborough (U.K.) recreate their homeland abroad through the recontextualization of performative cultural practices as mandó – a local musical genre –, Portuguese music and dance as well as Bollywood music. In the process of understanding how these communities negotiate the several issues resulting from the ambivalent and indeterminate condition they live in a diasporic context, concepts as “memory”, “tradition” and “emotional community” will be used here in a discursive and performative way.

Keywords: Music, performance, memory, diaspora, emotional community

Este artigo pretende apresentar alguns aspectos da investigação que estou a desenvolver no âmbito do meu doutoramento em Etnomusicologia e os resultados que agora exponho resultam de trabalho de campo multi-situado que teve lugar em Damão (2008 e 2010) e no Reino Unido (2010). Proponho neste artigo uma reflexão sobre o papel da memória como mediadora na construção, por parte dos damanenses emigrados, dos seus lugares de acolhimento à imagem do de origem, através da recontextualização (Bauman and Briggs 1990) de práticas performativas como o mandó – género musical local –, a música e a dança portuguesas e a música de Bollywood.

Enquadramento etnográfico.

Damão situa-se na costa Ocidental da Índia, no Mar Árabe e no Golfo de Cambaia e faz fronteira a Norte com o estado do Gujarat e a Sul com o do Maharashtra. Damão e Diu formam, desde 1961, um Território da União

Indiana (Union Territory), directamente dependente do Governo Central de Nova Delhi. O território de Damão tem 72 km² e cerca de 114 mil habitantes, dos quais os cristãos, sobre os quais incide o meu estudo, são uma minoria (2.7%) convivendo com as comunidades hindu, muçulmana, jainista, sik, budista e outras. Neste momento, as línguas de ensino formal em Damão são o inglês, o gujarati e o hindi. A língua portuguesa deixou de ser ensinada nas escolas há cerca de 10 anos, quando os professores que leccionavam esta disciplina se reformaram e não foram substituídos. Apesar disso, e no contexto da comunidade católica, o português predomina como língua materna e é ainda utilizado no espaço doméstico e transmitido oralmente de pais para filhos. A geração mais velha, que fez a escola primária durante o período colonial, fala um português próximo do de Portugal e também o que vulgarmente designam por “português de Damão” ou “broken portuguese”, que é a língua indo-portuguesa em que as gerações mais novas se exprimem.

Durante os seis meses de trabalho de campo em Damão, entre 2008 e 2010, realizei um trabalho exploratório no sentido de identificar o contexto musical de Damão, em geral, e, em particular, de estudar as práticas performativas, que incluem a música, sobretudo no contexto da comunidade católica. A música constitui um elemento da cultura herdada dos portugueses que a comunidade católica insiste em preservar, estando presente nas festas e rituais de casamento, nas festas familiares, nas performances de agrupamentos folclóricos inspirados no modelo português, nas recepções oficiais e no dia-a-dia dos damanenses. Quando falo de música no seio da comunidade católica damanense refiro-me a um conjunto de práticas expressivas que remetem para um referencial português (repertório de música e de dança portuguesas e também a música brasileira), o mandó (género musical local essencialmente vocal) e a música anglo-saxónica.

Estas práticas acompanharam os damanenses católicos que deixaram Damão e emigraram para países como Portugal, os Emirados Árabes Unidos, Canadá, Macau, Holanda, Estados Unidos da América e Reino Unido. Estas comunidades espalhadas pelo mundo mantêm o contacto através da Internet (através de sites sobre Damão e de redes sociais como o facebook) e estão desde 2008 mais próximas e unidas com a celebração do World Daman Day

(WDD). A realização deste evento surgiu na sequência de um convite feito a um escritor damanense, Noel Gama, pelo fundador do World Goa Day, que é festejado desde 2000 no dia 20 de Agosto, dia do reconhecimento do Konkani (a língua oficial de Goa) como umas das línguas literárias da Índia. Assim, o WDD vem sendo comemorado anualmente por todas as comunidades damanenses num dia próximo do dia 20 de Agosto.

Quando estive em Damão tomei conhecimento que este dia era especialmente celebrado em duas das comunidades fixadas no Reino Unido – Leicester e Peterborough – e foi com o objectivo de estar presente nesta festa que lá me desloquei no Verão de 2010. Em 2008 o tema do WDD foi “Viva Damão! Keep the culture alive!”, em 2009 “Viva Damão! Come discover Daman!” e em 2010 foi “Viva Damão! Eu falo português!”. Segundo os organizadores, através de um folheto anunciativo desta festa que solicitava a presença de todos os damanenses, o objectivo do WDD é o seguinte: “Lets live, be, feel, play, pray, eat, drink, cook, talk, sing and dance the way we used to do it in Daman and let us all in one voice shout aloud «VIVA DAMAO»”.

A comunidade de Leicester é constituída por cerca de 550 damanenses, associados na Daman Community of Leicester que, nas palavras do seu presidente Luís Fonseca, tem o intuito de unir os damanenses e conservar a identidade portuguesa e o hábito de falar o “português de Damão”. A comemoração do WDD de 2010 em Leicester começou com uma missa e continuou no salão da igreja com a performance de mandós, de dança portuguesa e anglo-saxónica e com a apresentação de uma peça de teatro em “português de Damão”.

A Daman Community of Peterborough é composta por cerca de 160 damanenses num espírito de inter-ajuda e de transmissão inter-geracional da cultura damanense de forma a evitar o esquecimento de Damão por parte da geração mais nova. Aqui, a celebração do WDD de 2010 começou com uma missa que foi seguida de uma festa inaugurada com discursos dos membros da direcção sobre a importância daquele dia e com apontamentos sobre a história de Damão. Todos cantaram o hino nacional português e o indiano e vários grupos apresentaram mandós, peças de teatro e dança portuguesa, indiana e anglo-saxónica. Para além da organização desta festa com os mandós e a

dança portuguesa (por vezes denominada pelos seus performers “dança damanense”) estas comunidades reproduzem no Reino Unido algumas práticas que mantinham em Damão, como por exemplo as festas religiosas, o ritual da visita da imagem da Nossa Senhora por cada uma das casas do bairro com as mesmas leituras e cânticos que se fazem em Damão (em português ou em inglês) e a tradição de cantar o caderno do Louvado do Menino Jesus na altura do Natal (em português e em latim)¹.

Enquadramento teórico do problema.

À luz das propostas de Richard Bauman e Charles Briggs (1990), podemos dizer que o processo atrás descrito descreve uma entextualização das práticas performativas damanenses e a sua posterior recontextualização na diáspora. Bauman e Briggs referem-se a esta dinâmica como um processo de extracção do discurso do seu contexto social e da sua posterior transformação em texto. A entextualização incorpora um carácter transformacional e conjuga aquilo que o texto traz do seu contexto anterior com a forma, função e significado que lhe é dado quando é recentrado ou recontextualizado. Esta transformação não é ditada tanto pelo envolvimento social e físico mas emerge das negociações entre os participantes nas interacções sociais. Recontextualizar a cultura de Damão na diáspora é certamente um acto de controlo e de poder perpetrado pelas associações de Leicester e Peterborough em todas as ocasiões festivas (World Daman Day, Natal, Carnaval, Páscoa, S. João, piqueniques, entre outras) e todas as actividades por elas organizadas têm sempre o intuito de relembrar a terra de origem.

Através da sua acção e dinamismo estas instituições procuram combater aquilo que Iain Chambers (1994) entende ser a condição do migrante: o sentimento de desenraizamento, de viver entre mundos – entre um passado perdido e um presente desintegrado – e de ser impossível o retorno a “casa”. Com os seus esforços de recriação do território de origem no Reino Unido estas associações podem ser vistas como um *lieux de mémoire* na acepção sugerida por Pierre

¹ O caderno do Louvado do Menino Jesus é um conjunto de 22 cânticos relativos ao Natal que terão sido compilados pelo damanense José Vitorino Mendonça cerca de 1939. Segundo o testemunho dos seus familiares, rapidamente se espalhou por várias casas de Damão o ritual de cantar estes hinos todas as noites desde o dia de Natal até ao dia de Reis. Actualmente, apenas a família Mendonça mantém esta prática, porém de uma forma pontual (dia de Natal, dia de ano novo e dia de Reis).

Nora (1989). Na introdução à publicação de 2008 *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*, Astrid Erll distingue dois níveis de memória cultural. O primeiro corresponde à memória biológica e atenta para o facto de nenhuma memória ser puramente individual por ser sempre enformada por contextos colectivos, por enquadramentos sócio-culturais e por factores externos. O segundo nível refere-se a uma dimensão simbólica, aos meios de comunicação, instituições e práticas através das quais os grupos sociais constroem um passado partilhado:

Memory', here, is used metaphorically. Societies do not remember literally; but much of what is done to reconstruct a shared past bears some resemblance to the processes of individual memory, such as the selectivity and perspectivity inherent in the creation of versions of the past according to present knowledge and needs (Erll 2008: 5).

O conceito proposto por Pierre Nora (1989) inscreve-se nesta dimensão simbólica da memória colectiva e o autor explica que os *lieux de mémoire* (lugares de memória) surgiram como consequência do desaparecimento dos *milieux de mémoire* (reais e totais ambientes de memória), do esquecimento da história, do abandono do passado e por isso têm o objectivo de vigiar e cristalizar a memória e garantir a repetição ritualizada de uma prática vista como intemporal. Os *lieux de mémoire* podem ser materiais (lugares comemorativos, estátuas, arquivos ou museus), simbólicos (cerimónias, peregrinações ou santuários) e funcionais (dicionários, enciclopédias ou manuais) e a sua característica fundamental é a vontade de recordar, de parar no tempo e de impedir o esquecimento: “These *lieux de mémoire* are fundamentally remains, the ultimate embodiments of a memorial consciousness that has barely survived in a historical age that calls out for memory because it has abandoned it” (Nora 1989: 12).

Contudo, como Vita Fortunati e Elena Lamberti (2008) ressalvam, a interacção social que ocorre durante o acto de recordar não pode ser ignorada e por isso sugerem um olhar sobre o conceito de “memória colectiva” como algo fluido, dinâmico e plural e não como uma entidade fixa, monolítica e estática. Astrid Erll resume desta forma a natureza performativa do conceito de “memória” e a sua relação com a construção identitária, defendendo:

That memory and identity are closely linked on the individual level is a commonplace that goes back at least to John Locke, who maintained that there is no such thing as an essential identity, but that identities have to be constructed and reconstructed by acts of memory, by remembering who one was and by setting this past Self in relation to the present Self (Erl 2008: 6).

Também Homi Bhabha cita John Locke e a importância por ele dada a esta consciência do passado na construção da identidade: “As far as this consciousness can be extended backwards to any past action or thought, so far reaches the identity of that person” (1969 *in* Bhabha 2006: 69).

Relacionando memória com cultura, Jurij Lotman e Boris Uspenskij descrevem-na “as the memory of a society that is not genetically transmitted” (1984: 3 *in* (Assmann 2008: 97). São citados por Assmann, que defende que através da cultura os indivíduos constroem uma estrutura temporal que relaciona o passado, o presente e o futuro e estabelecem um contracto entre os vivos, os mortos e os que ainda virão:

They do not have to start anew in every generation because they are standing on the shoulders of giants whose knowledge they can reuse and reinterpret. As the Internet creates a framework for communication across wide distances in space, cultural memory creates a framework for communication across the abyss of time” (Assmann 2008: 97).

Também Edward Shils contribui para uma sacralização do passado no seu capítulo dedicado ao conceito de “tradição” (1992) e descreve as crenças tradicionais como sendo recebidas como algo que é “dado”, irreflexivamente, e sendo legitimadas por terem sido observadas e aceites como válidas no passado – ou seja, reunindo um consenso ao longo do tempo – ou terem sido recomendadas por uma figura de autoridade – esta autoridade é frequentemente exercida pelos mais velhos através dos quais o passado é transmitido. Apesar do seu carácter sagrado e da sua aceitação inconsciente – “qualidade sagrada” e “qualidade passada” – o autor ressalva que “a fonte ou modelo da tradição recriada não precisa de alguma vez ter existido sob a forma que aquele que a procurou pretende que ela tenha; o que é significativo é que ele acredite que ela tenha existido sob essa forma” (Shils 1992: 308).

Análise do problema

Como pude compreender durante a minha experiência com as comunidades damanenses em Inglaterra, a geração mais velha esforça-se por transmitir à mais nova a cultura e as tradições damanenses através da reprodução das práticas expressivas herdadas do território de origem, nas quais o referencial português mantém uma centralidade importante. Adoptando o conceito de Raymond Williams (1961) constatamos que uma determinada “structure of feeling” – o padrão cultural prevalecente numa determinada sociedade num determinado momento, a “way of life” – é assim ensinada inter-geracionalmente mas que a geração receptora é livre de criar a sua própria estrutura como resultado de uma relação dialógica com o meio envolvente. Enquanto que a geração mais velha cresceu a cantar os mandós e a dançar música portuguesa progressivamente a música anglo-saxónica foi integrando os programas culturais e actualmente, em Inglaterra, os jovens cantam e dançam os êxitos de Bollywood vestindo roupa associada à Índia. Por outro lado, e como Shils argumenta, a tradição recriada não precisa de alguma vez ter existido naquela forma, o que explica que as performances dos agrupamentos folclóricos damanenses inspirados no modelo português se vão progressivamente afastando deste, adoptando por exemplo música actual portuguesa e mesmo brasileira enquanto continuam a apresentar, segundo o seus protagonistas, “dança portuguesa”. Assim, as associações de damanenses no Reino Unido são, ao mesmo tempo, um *lieux de mémoire* e um *lugar de imaginação* ditado pela condição poscolonial e diaspórica dos seus detentores que são, também, os seus performers.

É portanto fulcral o papel desempenhado pela música na organização das actividades associativas e na construção de lugares de diáspora à imagem de Damão. Martin Stokes reflecte precisamente sobre o poder da música na construção do nosso sentido de lugar e, no contexto diaspórico, quando nos “relocalizamos” ou “recontextualizamos”:

The musical event, from collective dances to the act of putting a cassette or CD into a machine, evokes and organizes collective memories and present experiences of place with an intensity, power and simplicity unmatched by any other social activity. The «places» constructed through music involve notions of difference and social boundary (Stokes 1997: 3).

O autor chama ainda a atenção para o forte sentimento de comunidade e de identidade grupal que a performance musical tende a reforçar:

Musics are invariably communal activities, that brings people together in specific alignments, whether as musicians, dancers or listening audiences. The «tuning in» (Schutz 1977) through music of these social alignments can provide a powerful affective experience in which social identity is literally «embodied». The relationships which are activated through music might involve the community as a whole (...) Thus, in certain societies, music and dance are the only means by which the wider community appears as such to itself (Stokes 1997: 12).

E Susana Sardo acrescenta:

A música esteve desde sempre associada ao acto de partilha. Ela é desempenhada em grupo, com objectivos muito claros de comunicação, e, embora de forma diferenciada, é inteligível para cada um dos elementos do grupo podendo, por isso, representar modos de estar, crenças, histórias, fronteiras, ideologias e emoções colectivas que contribuem para a definição identitária dos grupos (Sardo 2011: 93).

A partilha da música no seio das comunidades damanenses deslocadas proporciona um sentimento de comunhão, auto-reconhecimento, identificação colectiva e união. O carácter afectivo e emocional presente nesta construção identitária torna estas comunidades damanenses comunidades emocionais, um conceito proposto por Maffesoli (1988) que vê esta pertença e identificação colectiva como uma forma de desenvolver a identidade individual através do estabelecimento de relações de empatia e solidariedade entre indivíduos que se reconhecem como pares. Maffesoli denomina esta forma afectiva de socialização *neo-tribe*, através da qual se constroem, expressam e negociam noções individuais e colectivas de identidade: “It also allows for the recognition of oneself by oneself and by others, and finally, of others by oneself” (1988: 150).

Já em 1922 Schmalenbach havia designado este tipo de organização afectiva por *Bund*, que significa “comunhão”, tem um carácter não-institucional e estabelece condições para uma formação identitária através de uma identificação emocional com o Outro. Hetherington relaciona assim estas duas formas de socialização afectivas criadoras de comunidades emocionais:

While the modern world promotes greater individuation through its weakening of the «organic» tie of community, it also promotes elective and collective (neo-tribal) conditions of association - Bund - that act to promote individuality as well as provide an intense experience of communion into which that individuality is subsumed (1998: 95).

Enquanto espaços de performance identitária, as comunidades damanenses no Reino Unido são efectivamente comunidades emocionais que, pelo seu carácter afectivo, permitem uma experiência colectiva de individualidade e um sentimento de empatia, solidariedade, comunhão e pertença com aqueles que partilham a sua condição de migrante, damanense, católico, lusofalante. As associações de damanenses de Leicester e de Peterborough são, assim, espaços simbólicos de centralidade social, de acção e de resistência onde os valores e as práticas associados a uma política de identidade expressiva são performados. Fornecem uma plataforma sobre a qual se reproduzem e transmitem inter-geracionalmente as práticas expressivas herdadas do território de origem, nas quais a música ocupa um lugar central permitindo recordar simbolicamente um espaço e um tempo passados ou mesmo imaginários.

Referências bibliográficas

- Assmann, Aleida (2008) "Canon and Archive" in Erll, Astrid and Nünning, Ansgar (eds) *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin and New York: Walter de Gruyter. (97-107)
- Bauman, Richard and Charles L. Briggs (1990) "Poetics and Performance as Critical Perspectives on Language and Social Life". *Annual Review of Anthropology*, 19: 59-88.
- Bhabha, Homi (2006) *The Location of Culture*. London and New York: Routledge.
- Chambers, Iain (1994) *Migrancy, Culture, Identity*. London and New York: Routledge.
- Erll, Astrid (2008) "Cultural Memory Studies: An Introduction" in Erll, Astrid and Nünning, Ansgar (eds) *Cultural Memory Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin and New York: Walter de Gruyter. (1-15)
- Fortunati, Vita and Elena Lamberti (2008) "Cultural Memory: An European Perspective" in Erll, Astrid and Nünning, Ansgar (eds) *Cultural Memory*

- Studies: An International and Interdisciplinary Handbook*. Berlin and New York: Walter de Gruyter. (127-137)
- Hetherington, Kevin (1998) *Expressions of Identity: Space, Performance, Politics*. London, Thousand Oaks and New Delhi: Sage Publications.
- Maffesoli, Michel (1988) "Jeux de Masques: Postmodern Tribalism". *Design Issues*, 4 (1-2): 141-152.
- Nora, Pierre (1989) "Between Memory and History: Les Lieux de Mémoire". *Representations*, 26 (Spring): 7-24.
- Sardo, Susana (2011) *Guerras de Jasmim e Mogarim. Música, Identidade e Emoções em Goa*. Alfragide: Texto Editores.
- Shils, Edward (1992) *Centro e Periferia*. Lisboa: Difel.
- Stokes, Martin (ed.) (1997) *Ethnicity, Identity and Music: The Musical Construction of Place*. Oxford and New York: Berg Publishers.
- Williams, Raymond (1961) *The Long Revolution*. London: Penguin Books.

Notas biográficas

Ana Cristina de Oliveira Almeida é licenciada em Música (Piano) pela Escola Superior de Artes Aplicadas do Instituto Politécnico de Castelo Branco e concluiu em 2008 o Mestrado em Música na Universidade de Aveiro. Actualmente é doutoranda em Etnomusicologia na mesma universidade sob a orientação da Doutora Susana Sardo e investigadora do INET-MD.